

**Ansiedade existencial a partir de memórias de viagens significativas: verificação da dimensionalidade e da confiabilidade do *Existential Concerns Questionnaire***

**Existential Anxiety from Memories of Meaningful Travel: Verification of Dimensionality and Reliability of the Existential Concerns Questionnaire**

**Ansiedad existencial a partir de recuerdos de viajes significativos: verificación de dimensionalidad y confiabilidad del cuestionario de preocupaciones existenciales**

Sandro Alves de Medeiros<sup>1</sup>  
Luciana Alves Rodas Vera<sup>2</sup>  
Susane de Farias Gomes<sup>3</sup>  
Giovana Barbosa Caraciolo<sup>4</sup>

**Resumo:** Apesar da crescente interlocução entre o existencialismo e o turismo na literatura, a ansiedade existencial ainda não tem sido incluída em verificações empíricas e nos debates acadêmicos sobre a experiência turística. Portanto, de forma pioneira, este artigo tem como objetivo (1) mensurar a ansiedade existencial relacionada às experiências de viagens significativas e (2) obter uma medida ampla da ansiedade existencial, passível de ser utilizada em pesquisas empíricas no campo do turismo. O estudo aborda o conceito de ansiedade existencial e, de forma exploratória, verifica a incidência da ansiedade existencial em uma amostra heterogênea de 569 sujeitos. A ansiedade existencial foi medida a partir de memórias de viagens que os entrevistados consideraram as mais importantes ou significativas em suas vidas. Para tanto, foram utilizados os 22 itens adaptados do Existential Concerns Questionnaire [ECQ]. A análise dos componentes principais resultou em uma estrutura bifatorial responsável por 51,319% da variância total. Os dois fatores apresentaram boa consistência interna e reproduziram duas das três dimensões do estudo original que desenvolveu o ECQ. Contudo, as dimensões foram rebatizadas de Vazio existencial ( $\alpha = 0,880$ ;  $CC = 0,862$ ) e Morte e Finitude ( $\alpha = 0,876$ ;  $CC = 0,869$ ). Dado que a literatura tem priorizado a abordagem qualitativa na verificação da ansiedade existencial no campo do turismo, esta investigação contribui para o avanço desses estudos ao adotar uma abordagem quantitativa na verificação da ansiedade existencial em experiências de viagem, apresentando evidências da viabilidade de utilização de um instrumento de medida mais completo para preocupações existenciais, mas que ainda precisa de validação em contextos diferentes até agora.

**Palavras-Chave:** Ansiedade existencial; Vazio existencial; Morte e Finitude; Experiência Turística.

**Abstract:** Despite the growing interlocution between existentialism and tourism in the literature, existential anxiety has not yet been included in empirical verifications and academic debates about tourist experience. Therefore, in a pioneering way, this article aims (1) to measure existential anxiety related to experiences of meaningful travels and (2) to obtain a broad measure of existential anxiety, which can be used in empirical research in the field of tourism. The study addresses the concept of existential anxiety and, in an exploratory way, it verifies the existential anxiety in a heterogeneous sample of 569 subjects. Existential anxiety was measured from recollections of the travel respondents thought were the most important or meaningful in their lives. In order to achieve this, the 22 adapted items from the Existential Concerns Questionnaire [ECQ] were used. The principal components analysis resulted in a two-factor structure that accounted for 51.319% of the total variance. The two factors presented good internal consistency and reproduced two of the three dimensions of the study that originally developed the ECQ. However,

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alagoas, Brasil. ORCID: 0000-0003-3927-0334. E-mail: sandroamedeiros@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Bahia, Brasil. ORCID: 0000-0001-6043-3252. E-mail: profa.lucianarodasvera@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Alagoas, Brasil. ORCID: 0000-0001-9177-2046. E-mail: susane.gomes@penedo.ufal.br

<sup>4</sup> ORCID: 0000-0001-7140-3876. E-mail: giovana@gmail.com

the dimensions were renamed as Existential void ( $\alpha = 0.880$ ; CR = 0,862) and Death and Finitude ( $\alpha = 0.876$ ; CR = 0,869). Given that the literature has prioritized the qualitative approach in verifying existential anxiety in the field of tourism, this investigation contributes to the advancement of these studies by adopting a quantitative approach to existential anxiety in travel experiences, presenting evidence of the feasibility in using a more complete measurement instrument for existential concerns but not yet validated in different contexts so far.

**Key words:** Existential anxiety; Existential void; Death and Finitude; Tourist Experience.

**Resumen:** A pesar de la creciente interlocución entre existencialismo y turismo en la literatura, la ansiedad existencial aún no se ha incluido en las verificaciones empíricas y en los debates académicos sobre la experiencia turística. Por lo tanto, de manera pionera, este artículo tiene como objetivo (1) medir la ansiedad existencial relacionada con experiencias de viaje significativas y (2) obtener una medida amplia de ansiedad existencial que se pueda utilizar en la investigación empírica en el campo del turismo. El estudio aborda el concepto de ansiedad existencial y, de forma exploratoria, verifica la incidencia de la ansiedad existencial en una muestra heterogénea de 569 sujetos. La ansiedad existencial se midió a partir de los recuerdos de viajes que los encuestados consideraban los más importantes o significativos de sus vidas. Para ello, se utilizaron los 22 ítems adaptados del Cuestionario de Preocupaciones Existenciales [ECQ]. El análisis de los componentes principales resultó en una estructura bifactorial responsable del 51,319% de la varianza total. Ambos factores mostraron una buena consistencia interna y reprodujeron dos de las dimensiones del estudio original que desarrolló el ECQ. Sin embargo, las dimensiones se rebautizaron como Vacío existencial ( $\alpha = 0,880$ ; FC = 0,862) y Muerte y finitud ( $\alpha = 0,876$ ; FC = 0,869). Dado que la literatura ha priorizado el enfoque cualitativo para verificar la ansiedad existencial en el campo del turismo, esta investigación contribuye al avance de estos estudios al adoptar un enfoque cuantitativo para verificar la ansiedad existencial en las experiencias de viaje, presentando evidencia de la viabilidad de utilizar un instrumento de medición completo para preocupaciones existenciales, pero que aún necesita validación en diferentes contextos hasta ahora.

**Palabras clave:** Ansiedad existencial; Vacío existencial; Muerte y Finitud; Experiencia Turística.

## 1 Introdução

De alguma forma as ideias do existencialismo sempre permearam o campo do turismo quando temáticas como a da autenticidade (Joaquim, 2015, Brown, 2013, Kim & Jamal, 2007, Steiner & Reisinger, 2006, Wang, 1999, Turner & Manning, 1988, Pearce & Moscardo, 1986, Cohen, 1979, MacCannell, 1973) e as da busca do autoconhecimento e de um sentido para a vida (Wearing, Stevenson, & Young, 2010, Noy, 2004, Desforges, 2000, Mannel & Iso-Ahola, 1987) se fizeram presentes nos estudos sobre a experiência turística. Contudo, só mais recentemente é que questões existenciais, tais como a angústia, o medo da finitude e a própria morte passaram a ser abordadas mais diretamente nos estudos sobre a experiência turística (Kirillova, 2019, Sharma & Rickly, 2019, Pratt, Tolkach, & Kirillova, 2019, Canavan, 2018, Shepherd, 2015, Kirillova & Lehto, 2015, Kirillova, Lehto, & Cai, 2016).

As ideias da filosofia existencialista foram desenvolvidas em resposta ao que Max Weber chamou de “desencantamento do mundo” impulsionado pelo surgimento da ciência moderna: o colapso das estruturas sociais tradicionais nas quais o indivíduo era visto como tendo uma função em comunidades pequenas e coesas, vivendo de acordo com as leis da

natureza e governadas por regras religiosas (Kirillova, 2019). Os filósofos existencialistas se interessaram pelas experiências humanas que se seguiram às transformações consequentes do desencantamento, buscando compreender o que a perda das concepções tradicionais sobre a natureza e o absoluto, com valor e significado embutidos na vida, provocava nos indivíduos (Kirillova, 2019). A elaboração existencialista para a consequência do desencantamento é o sentimento aterrorizante da perda de sentido da própria existência, em que os indivíduos se veem “jogados” em um mundo sem direção ou significado predefinidos (Kirillova, 2019). Esse sentimento é o de ansiedade existencial, a “[...] apreensão sobre o significado último da vida e da morte” (Weems, Costa, Dehon, & Berman, 2004, p. 383).

Segundo Giddens (2002), o sentimento de ansiedade existencial é continuamente evocado no mundo contemporâneo, abalando a segurança ontológica dos indivíduos. As razões para isso estariam nas transformações subjacentes à vida moderna, que trouxeram profundo impacto nos aspectos mais pessoais e íntimos da existência humana (Giddens, 2002). Para restabelecer seu senso de segurança ontológica, os indivíduos precisam encontrar respostas para as questões existenciais fundamentais sobre a natureza da existência, a finitude da vida humana, a experiência com as outras pessoas e a autoidentidade (Giddens, 2002). Giddens (2002) entende que a desorientação cognitiva e emocional que tais questões suscitam são mantidas sob controle pelas convenções comuns da vida cotidiana, ou seja, essas questões são colocadas “entre parênteses”, de modo a permitir que a vida individual siga seu curso normal. Dessa forma, contemplar questões existenciais é considerada uma parte normativa da experiência humana, mas para algumas pessoas tais pensamentos podem se tornar uma fonte de intensa ansiedade (Weems & Berman, 2018).

Kirillova (2019) argumenta que, mesmo que implicitamente, cada vez mais profissionais e provedores de serviços no turismo reconhecem as preocupações existenciais dos turistas. Esses profissionais entendem que, além de emoções positivas, sensações de prazer e conforto, os turistas muitas vezes buscam também experiências que os coloquem em contato com aspectos existenciais da vida, desconforto, medo e até o perigo ou morte, como no *thanatourism* (Light, 2017, Knudsen, 2011, Seaton, 1996), no *dark tourism* (Pereira, 2020, Sharma & Rickly, 2019, Stone, Hartmann, Seaton, Sharpley, & White, 2018, Busby & Devereux, 2015, White & Frew, 2013, Stone, 2012, Sharpley & Stone, 2009, Stone &

Sharpley, 2008), no turismo voluntário e em algumas modalidades do turismo de aventura. Atualmente existem operadores de turismo especializados nas chamadas “experiências transformadoras”, destinadas a desafiar as visões de mundo dos turistas, ajudar a resolver dilemas pessoais ou simplesmente se descobrirem (Kirillova, 2019).

Além disso, vários estudos têm sugerido que as experiências vividas longe do ambiente familiar de origem podem proporcionar oportunidades para o crescimento pessoal, para a expansão do *self*, e para o desenvolvimento da autoidentidade, especialmente para jovens entre os 18 e 30 anos (Liu & Kirillova, 2021, McKay, Lannegrand-Willems, Skues, & Wise, 2019, Layland, Hill, & Nelson, 2018, Grabowski, Wearing, Lyons, Tarrant, & Landon, 2017, Bagnoli, 2009, Thomson & Taylor, 2005). Mas também indivíduos entre os 30 e 55 anos têm cada vez mais viajado em busca de novas experiências e realização pessoal, sacrificando carreiras estabelecidas, recompensas financeiras e relacionamentos de longo prazo (Hirschorn & Hefferon, 2013).

Contudo, mesmo com o crescente reconhecimento de que as experiências turísticas podem contribuir para o desenvolvimento da identidade (colaborando com o processo de restabelecimento da segurança ontológica dos indivíduos) e também, apesar da recente interlocução entre o existencialismo e o turismo na literatura, a ansiedade existencial tem sido pouco pesquisada empiricamente, com os raros estudos privilegiando a abordagem qualitativa (Sharma & Rickly, 2019, Kirillova & Lehto, 2015). Uma única exceção de estudo quantitativo se refere à pesquisa de Kirillova, Lehto e Cai (2016).

Considerando que a ansiedade existencial é inerente à existência humana e por isso presente na experiência turística (Kirilova, 2019, Kirillova & Lehto, 2015, Brown, 2013), o presente artigo tem como objetivo avaliar pela primeira vez as dimensões que compõem a ansiedade existencial em experiências turísticas. Para isso, os itens do *Existential Concerns Questionnaire* [ECQ] (van Bruggen, ten Klooster, Westerhof, Vos, de Kleine, Bohlmeijer, & Glas, 2017) foram adaptados para o contexto da pesquisa e sua estrutura fatorial analisada. Dois objetivos específicos foram estabelecidos para o presente estudo: (1) mensurar a ansiedade existencial relativa a viagens significativas em uma amostra heterogênea, e (2) obter uma medida abrangente da ansiedade existencial passível de ser usada em pesquisa empírica no campo do turismo.

O estudo assumiu que a busca por um sentido para a própria existência é algo inerente à condição humana (Kirilova & Lehto, 2015) e que os indivíduos apresentam diferentes níveis de consciência acerca de aspectos inautênticos de suas vidas, o que pode determinar o quanto suas experiências de viagem podem lhes ser significativas (Cohen, 1979). Nesse sentido, o estudo definiu a viagem significativa como aquela, dentre o repertório de memórias de viagens do indivíduo, que ele reconhece como a mais importante, por ter proporcionado reflexões sobre quem ele é e/ou viabilizado escolhas que foram definitivas para sua vida (Giddens, 2002).

O artigo está dividido da seguinte forma: primeiramente, os fundamentos teóricos acerca da ansiedade existencial e a experiência turística são apresentados; em seguida, descrevem-se os procedimentos metodológicos utilizados no *survey*, e, na sequência, seus resultados são analisados. Por fim, as conclusões do estudo são sintetizadas.

## **2 Fundamentação teórica**

### **2.1 Ansiedade existencial**

Embora comumente confundidos, os sentimentos de ansiedade e medo possuem origens e naturezas distintas. O medo é uma resposta emocional a uma ameaça específica, ou seja, existe um objeto que é alvo do medo, ao passo que, na ansiedade, inexistente um objeto específico (Giddens, 2002, May, 1980, Yalom, 1980). A experiência da ansiedade, diferentemente do medo, é difusa, e suas causas são em geral inconscientes ou não claramente definidas para o indivíduo. Além disso, enquanto o medo dispara uma série de reações fisiológicas que preparam o indivíduo para uma ação diante de uma situação de perigo percebida, a ansiedade o paralisa (Tillich, 2000).

Segundo May (1980, p. 199-200), “as características especiais da ansiedade são os sentimentos de incerteza e impotência em face ao perigo. A natureza da ansiedade pode ser entendida quando indagamos o que é ameaçado na experiência que produz ansiedade”. Nas palavras de Giddens (2002, p. 47), “a ansiedade é essencialmente o medo que perdeu seu objeto pelas tensões emocionais inconscientemente formadas que expressam ‘perigos internos’ e não ameaças externalizadas. Devemos entendê-la essencialmente como um estado de medo inconscientemente organizado”. May (1980) distingue a ansiedade neurótica da

ansiedade normal ou existencial, na medida em que esta última seria uma reação em que (1) não é proporcional à ameaça objetiva, (2) não envolve repressão ou outros mecanismos de conflito intrapsíquico e, portanto, (3) não requer mecanismos de defesa neurótica para seu controle, e, (4) pode ser enfrentada de maneira conscientemente construtiva.

Giddens (2002) afirma que a ansiedade se refere às ameaças à integridade do sistema de segurança ontológica do indivíduo, o conjunto de comportamentos, traços e reações emocionais reflexivamente acumulados ao longo de sua história de vida, que proporcionam um sentido de autoidentidade. May (1980, p. 202) complementa ao afirmar que “[...] a natureza sem objeto da ansiedade decorre do fato de a base de segurança do indivíduo estar ameaçada; e, como é em função dessa segurança que o indivíduo está apto a se experienciar como um eu em relação a objetos, a distinção entre sujeito e objeto também se desfaz”.

Para Yalom (1980), as causas da ansiedade normal derivam do enfrentamento inescapável de quatro “questões últimas” ou “dados da existência”: (1) a morte, o ser humano deseja viver indefinidamente mas percebe que a morte é o seu destino certo; (2) a liberdade, o ser humano sente necessidade de segurança, ordem e estrutura para a sua vida, mas se dá conta de que não existe um projeto ou plano universal para a vida humana além daquele que os próprios seres humanos criam, o que o faz perceber que ele é o único responsável pela criação da própria vida e do mundo em que vive; (3) o isolamento, apesar do desejo de estar junto, de comunhão com os outros e da necessidade de se sentir parte de algo maior, o ser humano se defronta com a inconveniente verdade de que, de fato, nasceu sozinho e de que morrerá sozinho; e (4) a ausência de sentido, todas essas verdades levam o ser humano a se dar conta de que não existe qualquer significado na vida, não há uma “ordem divina” ou uma “lógica universal” que dá sentido à existência, ou seja, o ser humano é um mero acaso.

Para Heidegger, a ansiedade deriva do desconforto com a fuga do ser autêntico, aquele que enfrenta a inescapável verdade da própria finitude, superando a sedução do esquecimento confortável (Shepherd, 2015). A ansiedade tem, pois, uma origem ontológica, quando o indivíduo se depara com a verdade intransponível do ser que traz consigo o seu não-ser (Tillich, 2000). Contudo, Tillich (2000) acredita que o medo e a ansiedade são imanentes, supondo que o medo da morte seria uma objetificação da ansiedade do não-ser (Weems *et al.* 2004).

Tillich (2000) sugere três tipos de ansiedade com base em três formas de ameaça do não-ser ao ser: o não-ser ameaça: (1) a autoafirmação ôntica do homem, relativamente em termos do destino e absolutamente em termos da morte; (2) a autoafirmação espiritual do homem, relativamente em termos de vazio e absolutamente em termos de ausência de sentido; e (3) a autoafirmação moral do homem, relativamente em termos de culpa e absolutamente em termos de condenação. A consciência dessas ameaças dá origem à ansiedade em suas três formas: (1) a do destino e da morte (ansiedade da morte) ou ansiedade ontológica, derivada da consciência da finitude física; (2) a do vazio e perda de sentido (ansiedade da falta de sentido) ou ansiedade espiritual, proveniente da sensação de vazio pela falta de significado na vida; e (3) a da culpa e condenação (ansiedade de condenação) ou ansiedade moral, que emerge na forma dos sentimentos de culpa e condenação, quando os indivíduos ficam aquém de sua autoafirmação e não conseguem cumprir seu verdadeiro potencial.

## **2.2 Ansiedade existencial e experiência turística**

O tema da ansiedade existencial no turismo é recente, embora sua “contraparte”, a autenticidade existencial (Kirilova, Lehto, & Cai, 2016, p. 14), tenha sido alvo de especulação teórica e pesquisa empírica há pelo menos duas décadas. Essa discussão assume as características liminares do espaço turístico e as atividades turísticas como viabilizadoras da autenticidade existencial, a qual envolve sentimentos pessoais ou intersubjetivos ativados pelo processo liminar da atividade turística (Wang, 1999).

Nessa concepção, uma vez estando em espaços turísticos, longe de seu lugar de origem, os turistas/viajantes se encontram em um “estado de suspensão” das regras e papéis sociais de seu cotidiano, passando a experimentar um processo ritual de transformação interior. Turner (2013) utiliza o conceito de liminaridade, desenvolvido antes por van Gannep (2011), ao explicar as fases dos ritos de passagem. A primeira dessas fases seria a separação, na qual o indivíduo é afastado de um grupo, “quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais (ou ‘estado’), ou ainda ambos” (Turner, 2013, p. 97). Na etapa intermediária, a fase liminar (ou limiar), o indivíduo vivencia sua transição. A ambiguidade é a marca fundamental desta fase. Nas palavras de Turner (2013, p. 98): “As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimoniais. [...] a liminaridade

frequentemente é comparada à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a um eclipse do sol e da lua”. Turner (2013) afirma que, em tais circunstâncias, assiste-se a um “momento situado dentro e fora do tempo, dentro e fora da estrutura social profana que revela, embora efemeramente, certo reconhecimento (no símbolo, quando não mesmo na linguagem) de um vínculo social generalizado que deixou de existir [...]” (Turner, 2013, p. 98). Indivíduos em estado de liminaridade experimentam uma fase intermediária na qual estão distanciados de qualquer condição social (Belhassen, Caton, & Stewart, 2008).

Recentemente Grabowski *et al.* (2017) argumentaram em favor da tese da permanência em um ambiente estranho durante viagens como um rito de passagem moderno. “Nessa perspectiva, o abandono de ambientes conhecidos e a desconexão do antigo *eu* desencadeiam um período de transição à medida que os indivíduos procuram se encaixar em um novo cenário cultural” (McKay, 2019, p. 2010). Os autores sugerem que isso se deve exatamente à oportunidade de refletir sobre o eu e a sociedade a partir da perspectiva da nova cultura (McKay, 2019, p. 2010).

Brown (2013) argumenta que o tempo e o espaço fornecidos pelo turismo possibilitam uma pausa da rotina, oportunizando o silêncio e a reflexão individual. O autor desenvolve um paralelo com o conceito Heideggeriano de *Speilraum* (espaço livre), no qual o foco é removido do mundo cotidiano, oportunizando vislumbres sobre o futuro. Nessa introspecção, por alguma razão, o indivíduo pode concluir que sua vida *lhe* é satisfatória. Porém, vislumbres incômodos acerca de aspectos inautênticos de sua vida também podem ocorrer, levando-o a momentos decisivos, aqueles em que os indivíduos são chamados a tomar decisões que têm consequências particulares para o futuro de suas vidas, com consequências definitivas para seu destino (Giddens, 2002, p. 107).

Kim e Jamal (2007) sustentam que a autenticidade existencial está intimamente relacionada às características liminares da experiência turística. Os autores afirmam que os turistas se veem livres das restrições da vida diária, o que *lhes* permite comportar-se de uma maneira em que não obedecem a normas sociais convencionais e regulamentos estruturadores da vida cotidiana, possibilitando, assim, que desenvolvam novos mundos e experiências sociais que os conduzem a um autêntico senso de si mesmo, ao invés de se perderem em papéis

públicos. Os pesquisadores concluem que o relaxamento das normas ou a ausência de controle de comportamentos leva os participantes a agirem de forma mais espontânea e a perceberem que estão sendo verdadeiros consigo mesmos. Esse estado, segundo o entendimento dos autores, é o de autenticidade existencial, que é viabilizado pelo espaço liminal proporcionado pela experiência turística.

Kirillova e Lehto (2015) propõem uma perspectiva psicológica para o conceito de autenticidade existencial, tratando-o como um fenômeno multidimensional e dinâmico. Os autores assumem a experiência turística como parte da condição humana e sua busca existencial por sentido ante à consciência de sua finitude, e sustentam que a saída para uma viagem a turismo pode ser descrita como um ciclo, no qual a pessoa vivencia, de forma alternada, a autenticidade existencial e a ansiedade normal.

No período que antecede a viagem, a pessoa está ainda imersa no mundo cotidiano que lhe aliena do real significado de sua vida. Nessa fase, as pessoas substituem a busca existencial por sentido pelo envolvimento em tarefas rotineiras, confundindo o sentido da vida e da existência com o senso de cumprimento, por exemplo, quando realizam de forma produtiva um dia de trabalho. Nesse intervalo prevalece o sentimento de ansiedade proveniente da sensação generalizada, difusa e não consciente de insegurança ontológica (Giddens, 2002) e de ausência de sentido na vida (May, 1980).

Na fase de ascendência, já no espaço turístico para onde se dirigiu, o turista entra na “zona liminal” e é tomado pela admiração, pelo encantamento, pelo espanto e pela perplexidade evocados pelo ambiente estranho. Reflexões sobre a vida em sua complexidade e finitude, sobre os próprios valores e crenças começam a emergir, levando a um processo progressivo da sensação de autenticidade existencial e diminuição da ansiedade.

Na fase de “pico” acontece uma catarse, quando a pessoa passa a encarar e aceitar os dilemas existenciais que lhe são impostos. Transformações importantes podem decorrer dessas reflexões, com algumas pessoas optando por um estilo de vida que lhe seja mais significativo e represente melhor o seu eu verdadeiro, ou mesmo se sentindo mais à vontade naquele destino turístico, considerando que aquela sociedade está mais alinhada aos seus valores.

Uma vez que os níveis de ansiedade são baixos, a pessoa passa a desfrutar do sentimento de existência em sua forma mais pura, sem a necessidade de mascarar suas emoções ou de temer se mostrar em essência. Na fase de “pico”, o indivíduo contempla o significado da vida e tenta construir os sentidos para a sua existência. Essa experiência permite que os indivíduos comecem a enxergar o mundo de uma forma diferente, em geral, compreendendo a multiplicidade de possibilidades de existência e aceitando mais resolutamente as diferenças. Além disso, ao alcançarem um senso maior de autoidentidade, os indivíduos se tornam capazes de estabelecer relacionamentos mais sinceros com outras pessoas.

A última fase, a descendente, coincide com o retorno para casa, quando a pessoa precisa confrontar sua vida cotidiana com as normas culturais e sociais que lhe são características e reassumir seus papéis sociais, mas, agora, com uma perspectiva diferente sobre si próprio e sobre o mundo.

Kirilova, Lehto e Cai (2016) verificaram empiricamente o efeito da experiência turística na ansiedade existencial e na autenticidade existencial. Os pesquisadores constataram que a significância percebida da experiência turística era o principal fator de influência na variação dos constructos existenciais, sugerindo que não são as experiências de turismo em si que afetam os resultados existenciais, mas os significados que os turistas atribuem a essas experiências. Os autores verificaram ainda que tanto a ansiedade existencial quanto a autenticidade existencial também eram afetadas pelo tipo de turismo, com as modalidades patrimônio histórico-cultural, passeios, parque temático, mochilão e voluntariado, apresentando efeito significativamente maior do que o turismo de sol e praia.

Além disso, os estudiosos atestaram o efeito negativo da dimensão do evento frequentado na viagem, encontrando suporte na literatura para o efeito positivo das viagens solitárias na autenticidade existencial, mas contrariando a literatura que apresenta o fenômeno *communitas* como potencial desencadeador da autenticidade. Por fim, os pesquisadores verificaram o efeito do gênero, com as mulheres apresentando maiores níveis de autenticidade existencial; da idade (quanto mais velhos, maiores a autenticidade existencial e a ansiedade existencial pós viagem); e do nível educacional, com os sujeitos com nível universitário apresentando menores níveis de ansiedade existencial.

### 2.3 O *Existential Concerns Questionnaire*

Na literatura, observa-se certo esforço para sintetizar as ideias provenientes da filosofia e da literatura clínica acerca da ansiedade existencial, de modo a permitir a verificação empírica do constructo. Em uma revisão sistemática de instrumentos existentes para avaliar a presença de alguns dos aspectos da ansiedade existencial, van Bruggen, Vos, Westerhof, Bohlmeijer, e Glas (2015) identificaram cinco escalas que cobriam de forma abrangente a ansiedade existencial: (1) *Existential Study* (Thorne, 1973, Thorne & Pishkin, 1973), (2) *Existential Anxiety Scale* (Good & Good, 1974), (3) *Existential Anxiety Scale* (Bylski & Westman, 1991), (4) *Fear Scale* (Walters, 2001) e (5) *Existential Anxiety Questionnaire* [EAQ] (Berman, Weems, & Stickle, 2006, Weems *et al.*, 2004).

Em sua avaliação, van Bruggen *et al.* (2015) concluíram que, “[...] em um período de quatro décadas, apenas cinco instrumentos com ampla perspectiva sobre AE [Ansiedade Existencial] foram publicados, e cada um deles foi usado em apenas alguns estudos. Isso pode estar relacionado ao caráter altamente abstrato e talvez também normativo do conceito de AE” (van Bruggen *et al.*, 2015, p. 193). Além disso, os autores consideraram quatro desses instrumentos inapropriados, seja (1) pela ausência de consistência teórica, ao partirem de uma definição não muito clara de ansiedade existencial, seja (2) pela fraca validade de conteúdo, ou ainda, (3) pela falta de uma criteriosa validação de constructo, o que torna esses instrumentos pouco confiáveis.

Dos cinco instrumentos avaliados por van Bruggen *et al.* (2015), apenas o EAQ (Weems *et al.*, 2004) apresentou resultados satisfatórios quanto a confiabilidade e validade. O EAQ possui 13 itens que abrangem a ansiedade em relação à morte, à culpa e à falta de sentido. O instrumento foi desenvolvido com o objetivo de verificação empírica preliminar da teoria existencial de Paul Tillich (2000), embora seus autores tenham sugerido que o conteúdo dos itens poderia ser expandido (van Bruggen *et al.*, 2017).

Com o objetivo de desenvolver uma medida para a ansiedade existencial passível de ser usada tanto em pesquisa empírica quanto na prática clínica, van Bruggen *et al.* (2017) partiram das dimensões do EAQ (Weems *et al.*, 2004), mas, além de Tillich (2000), também se basearam no *framework* conceitual de Glas (2003), Yalom (1980) e da Teoria da Amenização do Terror [*Terror Management Theory*] (Koole, Greenberg, & Pyszczynsky, 2006). A escala incorporou cinco diferentes preocupações existenciais: (1) Morte, abordada

em dois aspectos distintos: (a) o fato de que a própria vida acabará em algum momento desconhecido; e (b) a ameaça do mundo como um lugar inseguro, no qual, a qualquer momento, algo potencialmente ameaçador para a vida pode vir a acontecer; (2) Falta de significado, a experiência de que os sistemas de significado são relativos, existindo muitos deles, e que as próprias ideias sobre o significado do mundo não são suficientes para convencer as outras pessoas; (3) Culpa; por ser um conceito diferenciado e complexo em si, os autores escolhem enfatizar a experiência de não se poder satisfazer as próprias expectativas sobre a vida; (4) Isolamento social, a experiência de não se estar conectado a outras pessoas e não se conseguir compartilhar plenamente a perspectiva de outra pessoa; e (5) Identidade, não possuir o pleno conhecimento sobre si mesmo, juntamente com as inconsistências da experiência sobre si mesmo e o mundo.

Os itens que representavam quatro das cinco questões existenciais teorizadas – ansiedade relacionada à falta de sentido, culpa, isolamento e identidade – foram carregados num único fator, o que, na conclusão dos autores, reforça sua tese de que uma conceituação de ansiedade existencial que vai além da ansiedade relacionada à morte faz sentido. O instrumento resultante, o ECQ, apresentou boas propriedades psicométricas (consistência interna, confiabilidade teste-reteste, validades de constructo e incremental).

### **3 Método**

O estudo adotou uma abordagem quantitativa baseada em *survey* transversal. Os 22 itens do *Existential Concerns Questionnaire* [ECQ] foram primeiramente traduzidos para o português e depois adaptados para o contexto da pesquisa, que solicitava que os respondentes se recordassem da viagem mais significativa de suas vidas até o momento, aquela que foi determinante para a definição de quem eles eram como indivíduos ou aquela que mais os ajudaram em escolhas decisivas para suas vidas.

A adaptação dos itens se deu quanto ao modo temporal com que algumas frases eram construídas, de modo a refletir mais de perto uma possível lembrança (ver itens no apêndice). A fim de garantir a validade de face dos itens, além do julgamento de três especialistas, o questionário foi pré-testado em duas pequenas amostras, a primeira com 12 sujeitos e a segunda com 10. No primeiro teste, foi detectado um item que gerava ambiguidade, e, em outro, dificuldade de compreensão. Esses dois itens foram reescritos com termos menos

imprecisos. No segundo teste, nenhum problema de compreensão, inteligibilidade ou ambiguidade foi detectado, chegando-se à versão final do questionário.

O instrumento de coleta foi autoadministrado e, após a solicitação da recordação da viagem mais significativa, pedia-se que o respondente avaliasse o quanto cada uma das 22 afirmações do ECQ se aproximava das reflexões que fez ou dos sentimentos pelos quais passou a partir das experiências vivenciadas na viagem. As respostas foram registradas em uma escala que variava de 1 (= *Nada a ver com minhas reflexões e sentimentos*) a 10 (= *Tudo a ver com minhas reflexões e sentimentos*).

Os respondentes foram recrutados em universidades e pela internet. No primeiro caso, a estratégia foi a visita a instituições de educação superior e a explicitação dos objetivos da pesquisa ao corpo de diretores e coordenadores de curso, com o intuito de obter autorização. Uma vez autorizada a realização da pesquisa, os sujeitos foram recrutados em sala de aula com a ajuda dos respectivos docentes, e lhes foi explicado sobre sua livre decisão de participar ou não da pesquisa, bem como quais eram seus objetivos. No caso do recrutamento via internet, a estratégia foi a divulgação em redes sociais e e-mail do link que levava à versão digital do questionário.

Após avaliação inicial, os dados foram submetidos a procedimentos de verificação e tratamento de dados ausentes, *outliers* e normalidade, com o uso do software SPSS<sup>®</sup>. A amostra final consistiu de 569 sujeitos. Devido à escolha não-aleatória dos indivíduos, a amostra é classificada como não probabilística por conveniência. Posteriormente, os dados foram submetidos à análise das componentes principais com rotação ortogonal, que é preferível quando o objetivo da pesquisa é a redução de dados ou a um conjunto de medidas passíveis de serem utilizadas em análises multivariadas subsequentes (Hair Jr., Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009).

Os 569 sujeitos da amostra tinham em média 29,22 anos, em sua grande maioria solteiros (61,6%), com ensino médio completo (48,4%). A maioria (53,6%) era do gênero masculino. A Tabela 1 a seguir detalha o perfil sociodemográfico da amostra.

**Tabela 1.** Perfil sociodemográfico da amostra

Gênero	Masculino	Feminino
	53,6%	46,4%

Status marital	Solteiro 61,6%	Casado 25,7%	Separado / Divorciado 6,7%	União estável 5,1%	Viúvo 0,9%			
Educação formal	Fund. 0,9%	Médio 48,4%	Superior 24,9%	Espec./MB A 11,1%	Mestrado 11,0%	Doutorado 3,7%		
Idade	Média 29,22	Mediana 26	Moda 19	Desvio padrão 11,153	Assimetria 1,368	Curtose 1,534	Min. 18	Max. 74

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da saída do SPSS® (2021).

#### 4 Resultados e discussão

Os 22 itens adaptados do ECQ foram submetidos à análise das componentes principais com rotação ortogonal (varimax). O teste Kaiser-Meyer-Olkin de adequação da amostra (KMO = 0,932) e o de esfericidade de Bartlett ( $\chi^2 = 4873,541$ ; 153 g.l.;  $p < 0,001$ ) indicaram a viabilidade da análise componencial para os dados. Os valores de referência do teste KMO são os seguintes: acima de 0,80, admiráveis; entre 0,70 e 0,80, medianos; entre 0,60 e 0,70, medíocres; entre 0,50 e 0,60, ruins; e abaixo de 0,50, inaceitáveis (Hair Jr. *et al.*, 2009). Por sua vez, o teste de esfericidade de Bartlett significativo indica que existem correlações suficientes entre as variáveis para a execução da análise (Hair Jr. *et al.*, 2009).

Itens com cargas fatoriais inferiores a 0,500 ou carregados em mais de um fator foram excluídos (Hair Jr. *et al.*, 2009). Como consequência, 4 itens foram eliminados. Na solução final, dois fatores responsáveis por 51,319% da variância total foram extraídos. A confiabilidade (fidedignidade) das medidas foi avaliada por meio do coeficiente alfa de Cronbach ( $\alpha$ ) e pela confiabilidade composta (CC). A CC é considerada mais robusta que o  $\alpha$  de Cronbach devido ao fato de permitir a variação das cargas fatoriais em seu cômputo, o que não é possível no coeficiente  $\alpha$ , que fixa as cargas fatoriais como equivalentes (Valentini & Damásio, 2016). A Tabela 2 sintetiza os resultados da análise das componentes principais. Na sequência, a interpretação dos fatores e a discussão dos resultados são apresentadas.

**Tabela 2.** Solução da análise das componentes principais

Fator	Itens	Carga fatorial	h <sup>2</sup>	Variância explicada (%)	Média	Desvio padrão	$\alpha^a$	CC <sup>b,c</sup>
Vazio existencial	EC_001	0,630	0,399	43,638	5,968	3,017	0,880	0,862
	EC_002	0,561	0,347		5,449	3,042		
	EC_003	0,715	0,526		3,950	2,997		
	EC_006	0,600	0,435		5,007	3,189		
	EC_008	0,730	0,582		3,572	3,000		
	EC_009	0,576	0,489		3,690	3,033		
	EC_010	0,596	0,519		5,284	3,350		
	EC_012	0,555	0,454		5,548	3,204		
	EC_013	0,537	0,483		3,946	3,058		
	EC_019	0,561	0,478		4,043	3,016		
	EC_022	0,538	0,456		4,156	3,164		
Morte e Finitude	EC_004	0,527	0,512	7,681	3,411	2,876	0,876	0,869
	EC_005	0,730	0,590		3,407	3,030		
	EC_014	0,752	0,672		3,868	3,130		
	EC_015	0,690	0,482		4,237	3,216		
	EC_017	0,657	0,518		5,370	3,608		
	EC_020	0,716	0,629		4,347	3,126		
	EC_021	0,791	0,668		3,372	2,994		

Método de extração: Análise das componentes principais; Método de rotação: Varimax com normalização Kaizer; Convergência da rotação em 3 iterações.

<sup>a</sup>Valores de  $\alpha$  iguais ou maiores que 0,70 são considerados desejáveis (Hair Jr. *et al.*, 2009).

<sup>b</sup>Valores obtidos por meio de ferramenta disponível em: <http://www.thestatisticalmind.com/composite-reliability/>

<sup>c</sup>Valores de confiabilidade composta iguais ou maiores que 0,70 são considerados desejáveis (Valentini & Damásio, 2016, Hair Jr. *et al.*, 2009).

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da saída do SPSS® (2021).

O primeiro fator foi formado por 11 indicadores que refletiam diferentes aspectos da ansiedade existencial teorizados pelo ECQ, sugerindo a dimensão *Ansiedade existencial ampla* do estudo original, embora com um item que pertencia originalmente à segunda dimensão do estudo de van Bruggen *et al.* (2017) [item EC\_010, pertencente à dimensão original *Ansiedade da morte*]. Os indicadores suscitavam em conjunto sentimentos de “vazio”, de ausência de sentido acerca da vida, de culpa, de isolamento, de desconhecimento sobre si mesmo, e de insegurança quanto às escolhas a serem feitas na vida.

Na teoria de Tillich (2000), as duas primeiras questões existenciais – falta de sentido e culpa – dizem respeito, respectivamente, a duas ameaças do não-ser ao ser, a autoafirmação espiritual e a autoafirmação moral do homem. Esta última é colocada em xeque quando os indivíduos se sentem aquém de suas potencialidades e não conseguem realizá-las, enquanto

que a primeira é ameaçada a partir da sensação de vazio proveniente da consciência da falta de significado na vida. Quando colocadas em conjunto com o (1) isolamento social – a experiência de não se estar conectado a outras pessoas e não conseguir compartilhar plenamente sua perspectiva – e a (2) insegurança acerca de quem se é, de não possuir o conhecimento sobre si mesmo, além das inconsistências da experiência sobre si mesmo e o mundo (identidade), sugere-se a sensação de vazio e de insignificância em relação à própria existência. Por esta razão, o fator foi nomeado de *Vazio existencial*. Segundo May (1996), a sensação de vazio provém da incapacidade para se fazer algo de eficaz a respeito da própria vida e do mundo em que vivemos. Segundo o autor, “o vácuo interior é o resultado acumulado, a longo prazo, da convicção pessoal de ser incapaz de agir como uma entidade, de dirigir a própria vida, modificar a atitude das pessoas em relação a si mesmo, ou exercer influência sobre o mundo que nos rodeia” (May, 1996, p. 22).

A consistência interna entre os 11 itens do fator medida pelo  $\alpha$  de Cronbach foi elevada ( $\alpha = 0,880$ ), bem como a confiabilidade composta ( $CC = 0,862$ ). As médias dos itens do fator variaram de 3,572 a 5,968. A média geral do fator geral ( $\bar{x} = 4,601$ ) ficou abaixo da mediana da escala ( $Md = 5,5$ ), indicando que as lembranças da viagem mais significativa traziam algum resquício de sentimentos relacionados à ansiedade existencial experienciada, embora de modo pouco intenso.

Em relação ao segundo fator, consistentemente com o estudo de van Bruggen *et al.* (2017), os itens relacionados à *Ansiedade da morte*, nos dois aspectos considerados pelos pesquisadores – a consciência da própria finitude e a ameaça à própria existência – foram carregados conjuntamente na mesma dimensão, explicando 7,681% da variância total. A consistência interna dos 7 itens que formaram o fator também foi alta ( $\alpha = 0,876$ ), assim como a confiabilidade composta ( $CC = 0,869$ ). O fator foi então batizado de *Morte e Finitude*. As médias dos itens do fator variaram de 3,372 a 5,370. A média geral ( $\bar{x} = 4,002$ ) também ficou abaixo da mediana da escala ( $Md = 5,5$ ), indicando reminiscências de ansiedade em relação à morte e à consciência da própria finitude durante as experiências vivenciadas na viagem lembrada como a mais significativa para os sujeitos. No estudo de van Bruggen *et al.* (2017), com exceção dos itens representativos da *Ansiedade da morte*, todos os demais itens

apresentaram alguma interrelação, levando os pesquisadores a vislumbrarem a possibilidade de a *Ansiedade da morte* possuir um papel particular na construção da ansiedade existencial.

O terror (pavor / desespero) é o medo potencial decorrente da consciência da terrível verdade de que “[...] nós, seres humanos, somos meramente animais transientes tentando sobreviver em um universo sem sentido, destinados apenas a morrer e a decair” (Pyszczynsky, Greenberg, Solomon, Arndt, & Schieel, 2004, p. 436). A espécie humana evoluiu ao ponto de desenvolver capacidades cognitivas que lhe permitiram a autoconsciência, garantindo-lhe, por um lado, enorme vantagem em relação às demais espécies (Kesebir & Pyszczynsky, 2012). Aliada a outras capacidades exclusivamente humanas, como a linguagem, o pensamento simbólico, o raciocínio causal e a imaginação, a autoconsciência reflexiva tem sido fundamental para a formação da sociedade e da cultura humanas com o grau de complexidade que lhes é característico (Kesebir & Pyszczynsky, 2012). Por outro lado, tais capacidades também trouxeram à tona algumas verdades, como o reconhecimento dos próprios limites físicos e a certeza da mortalidade (Kesebir & Pyszczynsky, 2012). Essa consciência acerca da própria finitude provocou profundo desconforto ao espírito humano, abalando sua autoestima (Kesebir & Pyszczynsky, 2012).

Na perspectiva de Tillich (2000), a consciência da morte corresponde à ameaça à autoafirmação ôntica do homem, relativamente em termos de destino e absolutamente em termos da própria morte. A consciência da finitude física dá origem à ansiedade do destino e da morte ou ansiedade ontológica.

A terceira dimensão observada no estudo de van Bruggen *et al.* (2017), a dimensão *Evitação*, não foi verificada na análise empreendida com os itens modificados do *Existential Concerns Questionnaire*. Com exceção do item EC\_015, que faz menção explícita a pensamentos de morte [*Afastar os pensamentos de que a vida acabará*], nenhum dos demais itens representativos dessa dimensão apresentou cargas fatoriais nos limites mínimos, tendo sido então excluídos na solução final.

## **5 Considerações finais**

O artigo é o primeiro a mensurar a ansiedade existencial relativa a viagens significativas, apresentando evidências de uma medida abrangente da ansiedade existencial passível de ser usada em pesquisas empíricas no campo do turismo. O estudo verificou a

dimensionalidade e a consistência interna dos itens de um instrumento de avaliação da ansiedade existencial ainda pouco testado em contextos diferentes. Dessa forma, a principal contribuição do estudo diz respeito à constatação das principais dimensões existenciais que podem ser usadas em pesquisas empíricas sobre a experiência turística.

O *Existential Concerns Questionnaire* se mostrou eficiente no levantamento das preocupações existenciais em uma amostra de indivíduos que avaliaram retrospectivamente as preocupações existenciais experienciadas durante a viagem que consideraram mais significativa para suas vidas. As duas componentes extraídas representaram bem o *framework* teórico que fundamentou o instrumento e apresentou evidência de que a *Ansiedade da morte* pode representar um papel particular na construção da ansiedade existencial, tal como sugerido no estudo original de van Bruggen *et al.* (2017).

A dimensão *Vazio existencial* foi a que mais explicou a variação dos dados e pareceu representar melhor o conceito de ansiedade existencial em sentido *lato*. Essa dimensão sintetizou todas as demais conceptualizações acerca da ansiedade existencial teorizadas por van Bruggen *et al.* (2017): Falta de significado, Culpa, Isolamento social, e Identidade, reproduzindo a dimensão *Ansiedade existencial ampla* da escala original.

A verificação empírica da ansiedade existencial no contexto do turismo é muito recente, carecendo de mais estudos. Nesse sentido, avaliar a ansiedade existencial em diferentes segmentos turísticos pode trazer elementos de análise que permitam associar diferentes níveis de ansiedade existencial a segmentos específicos de turismo. O *dark tourism*, por exemplo, pode evocar maior ansiedade existencial que o turismo em sítios históricos e este do que o turismo de sol e praia. Ademais, em um mesmo segmento de turismo, respostas variadas à ansiedade existencial podem ser captadas em diferentes faixas etárias, gênero e tipo de viagem – acompanhado ou não acompanhado, pacote turístico ou viagem sozinho, etc.

Apesar de suas contribuições, a pesquisa não verificou a ansiedade existencial diretamente de turistas e nenhum procedimento de avaliação de validade de constructo para as dimensões da ansiedade existencial foi adotado. Além disso, a ansiedade existencial foi mensurada a partir de memórias de viagens, o que pode evocar vieses cognitivos relacionados à memória. Pesquisas futuras podem contornar essas limitações entrevistando turistas nos próprios atrativos e destinos.

Considerando que a ansiedade existencial é inerente à condição humana, trazer esse constructo para os estudos no campo do turismo pode abrir grandes possibilidades de interpretação e pesquisas. No contexto da presente investigação, a ansiedade existencial foi abordada como um aspecto normativo da experiência humana, potencializada pelas condições impostas aos indivíduos pelas estruturas sociais da alta modernidade, que exigem o autodesenvolvimento, sem oferecer padrões de referência. O estudo verificou a ansiedade existencial a partir das memórias de viagens significativas dos sujeitos.

## Referências

- Bagnoli, A. (2009). On ‘An introspective journey’: Identities and travel in young people’s lives. *European Societies*, 11(3), 325–345. <https://doi.org/10.1080/14616690902764674>
- Belhassen, Y., Caton, K., & Stewart, W. P. (2008). The search for authenticity in the pilgrim experience. *Annals of Tourism Research*, 35(3), 668–689. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2008.03.007>
- Berman, S. L., Weems, C. F., & Stickle, T. R. (2006). Existential anxiety in adolescents: Prevalence, structure, association with psychological symptoms and identity development. *Journal of Youth and Adolescence*, 35(3), June, 303–310. <https://doi.org/10.1007/s10964-006-9032-y>
- Brown, L. (2013). Tourism: a catalyst for existential authenticity. *Annals of Tourism Research*, 40, 176–190. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2012.08.004>
- Busby, G., & Devereux, M. H. (2015). Dark tourism in context: The diary of Anne Frank. *European Journal of Tourism, Hospitality and Recreation*, 6(1), 27–38. [http://www.ejthr.com/ficheiros/2015/Volume6/EJTHR\\_Vol6\\_1\\_Art2.pdf](http://www.ejthr.com/ficheiros/2015/Volume6/EJTHR_Vol6_1_Art2.pdf)
- Bylski, N. C., & Westman, A. S. (1991). Relationships among defense style, existential anxiety, and religiosity. *Psychological Reports*, 68(3), 1389–1390. <https://doi.org/10.2466/pr0.1991.68.3c.1389>
- Canavan, B. (2018). An Existentialist exploration of tourism sustainability: Backpackers fleeing and finding themselves. *Journal of Sustainable Tourism*, 26(4), 551-566. DOI: 10.1080/09669582.2017.1361430
- Cohen, E. (1979). A Phenomenology of tourist experience. *Sociology*, 13, 179–201. <https://doi.org/10.1177/003803857901300203>
- Desforges, L. (2000). Traveling the world; Identity and travel biography. *Annals of Tourism Research*, 27(4), 926–945. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(99\)00125-5](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(99)00125-5)

- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Glas, G. (2003). Anxiety – animal reactions and the embodiment of meaning. In Fulford, B., Morris, K., Sadler, J. Z., & Stanghellini, G. (Eds.), *Nature and narrative; An introduction to the new philosophy of psychiatry*, Oxford: Oxford University Press, 231–249.
- Good, L. R., & Good, K. C. (1974). A preliminary measure of existential anxiety. *Psychological Reports*, 34(1), 72–74. <https://doi.org/10.2466/pr0.1974.34.1.72>
- Grabowski, S., Wearing, S., Lyons, K., Tarrant, M., & Landon, A. (2017). A rite of passage? Exploring youth transformation and global citizenry in the study abroad experience. *Tourism Recreation Research*, 42(2), 139–149. <https://doi.org/10.1080/02508281.2017.1292177>
- Hair Jr, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. 6. ed. Porto Alegre: Bookman.
- Hirschorn, S., & Hefferon, K. (2013). Leaving it all behind to travel: Venturing uncertainty as a means to personal growth and authenticity. *Journal of Humanistic Psychology*, 53(3), 283–306. <https://doi.org/10.1177/0022167813483007>
- Joaquim, G. (2015). *Viajantes, viagens e turismo; Narrativas e autenticidades*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Kesebir, P., & Pyszczynsky, T. (2012). The role of death in life: Existential aspects of human motivation. In Ryan, R. M. (Ed.), *The Oxford handbook of human motivation*, New York: Oxford University Press, 43–64.
- Kim, H., & Jamal, T. (2007). Tourist quest for existential authenticity. *Annals of Tourism Research*, 34(1), 181–201. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2006.07.009>
- Kirillova, K. (2019). Existentialism and tourism: new research avenues. *International Journal of Tourism Cities*, 5(3), 429–442. <https://doi.org/10.1108/IJTC-02-2019-0033>
- Kirillova, K., Lehto, X. (2015). An existential conceptualization of the vacation cycle. *Annals of Tourism Research*, 55, 110–123. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2015.09.003>
- Kirillova, K., Lehto, X., & Cai, L. (2016). Existential authenticity and anxiety as outcomes: The tourist in the experience economy. *International Journal of Tourism Research*, 19(1), 13–26. <https://doi.org/10.1002/jtr.2080>
- Knudsen, B. T. (2011). Thanatourism: Witnessing Difficult Pasts. *Tourist studies*, 11(1), 55–72. <https://doi.org/10.1177/1468797611412064>
- Koole, S. L., Greenberg, J., & Pyszczynsky, T. (2006). Introducing science to the psychology of the soul: Experimental existential psychology. *Current Directions in Psychological Science*, 15(5), 212–216. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2006.00438.x>

- Layland, E. K., Hill, B. J., & Nelson, L. J. (2018). Freedom to explore the self: How emerging adults use leisure to develop identity. *Journal of Positive Psychology*, 13, 78–91. <https://doi.org/10.1080/17439760.2017.1374440>
- Light, D. (2017). Progress in dark tourism and thanatourism research: An uneasy relationship with heritage tourism. *Tourism Management*, 61, 275–301. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2017.01.011>
- Liu, C., & Kirillova, K. (2021). The formative nature of graduation travel. *Annals of Tourism Research Empirical Insights*, 2, 100029. <https://doi.org/10.1016/j.annale.2021.100029>
- MacCannell, D. (1973). Staged Authenticity: Arrangements of social space in tourist settings. *The American Journal of Sociology*, 79(3), 589–603. <https://www.jstor.org/stable/2776259>
- Mannel, R. C., & Iso-Ahola, S. (1987). Psychological nature of leisure and tourism experience. *Annals of Tourism Research*, 14(3), 314–331. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(87\)90105-8](https://doi.org/10.1016/0160-7383(87)90105-8)
- May, R. (1980). *O significado de ansiedade; As causas da integração e desintegração da personalidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- May, R. (1996). *O homem à procura de si mesmo*. 23 ed. Petrópolis: Vozes.
- McKay, S., Lannegrand-Willems, L., Skues, J., & Wise, L. (2019). Emerging adult identity development during sojourn experiences: Theoretical suggestions and new research opportunities. *Psicologia sociale*, 2, 205–234. <http://www.rivisteweb.it/doi/10.1482/94266>
- Noy, C. (2004). This trip really changed me; Backpackers' narratives of self-change. *Annals of Tourism Research*, 31(1), 78–102. DOI: 10.1016/j.annals.2003.08.004
- Pearce, P. L., & Moscardo, G. M. (1986). The concept of authenticity in tourist experiences. *Journal of Sociology*, 22(1), 121–132. <https://doi.org/10.1177/144078338602200107>
- Pereira, T. (2020). Motivações para prática do *dark tourism*. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 7(14), maio/agosto, 215-230. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/9138> Acesso em 06.09.2021
- Pratt, S., Tolkach, D., & Kirillova, K. (2019). Tourism & death. *Annals of Tourism Research*, 78. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2019.102758>
- Pyszczynsky, T., Greenberg, J., Solomon, S., Arndt, J., & Schieel, J. (2004). Why do people need self-esteem? A theoretical and empirical review. *Psychological Bulletin*, 130(3), 435–468. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.130.3.435>
- Seaton, A. V. (1996). Guided by the dark: From *thanatopsis* to thanatourism. *International Journal of Heritage Studies*, 2(4), 234-244. <https://doi.org/10.1080/13527259608722178>

- Sharma, N., & Rickly, J. (2019). 'The smell of death and the smell of life': authenticity, anxiety and perceptions of death at Varanasi's cremation grounds. *Journal of Heritage Tourism*, DOI: 10.1080/1743873X.2019.1610411
- Sharpley, R., & Stone, P. R. (Eds.). (2009). *The darker side of travel; The theory and practice of dark tourism*. Channel View Publications.
- Shepherd, R. J. (2015). Why Heidegger did not travel: Existential angst, authenticity, and tourist experiences. *Annals of Tourism Research*, 52, 60–71. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2015.02.018>
- Steiner, C. J., & Reisinger, Y. (2006). Understanding existential authenticity. *Annals of Tourism Research*, 33(2), 299–318. DOI: 10.1016/j.annals.2005.08.002
- Stone, P. R., Hartmann, R., Seaton, T., Sharpley, R., & White, L. (Eds.). (2018). *Palgrave handbook of dark tourism studies*. UK: Palgrave Macmillan.
- Stone, P. R. (2012). Dark tourism and significant other death: Towards a model of mortality mediation. *Annals of Tourism Research*, 39(3), 1565–1587. <http://dx.doi.org/10.1016/j.annals.2012.04.007>
- Stone, P., & Sharpley, R. (2008). Consuming dark tourism: A thanatological perspective. *Annals of Tourism Research*, 35(2), 574–595. DOI:10.1016/j.annals.2008.02.003
- Thomson, R., & Taylor, R. (2005). Between cosmopolitanism and the locals: Mobility as a resource in the transition to adulthood. *Young*, 13(4), 327–342. <https://doi.org/10.1177/1103308805057051>
- Thorne, F. C. (1973). The Existential study: A measure of existential status. *Journal of Clinical Psychology*, 29, 387–392. [https://doi.org/10.1002/1097-4679\(197310\)29:4<387::AID-JCLP2270290402>3.0.CO;2-8](https://doi.org/10.1002/1097-4679(197310)29:4<387::AID-JCLP2270290402>3.0.CO;2-8)
- Thorne, F. C., & Pishkin, V. (1973). A comparative study of the factorial composition of responses on the existential study across clinical groups. *Journal of Clinical Psychology*, 29, 403–410. [https://doi.org/10.1002/1097-4679\(197310\)29:4<403::AID-JCLP2270290404>3.0.CO;2-J](https://doi.org/10.1002/1097-4679(197310)29:4<403::AID-JCLP2270290404>3.0.CO;2-J)
- Tillich, P. (2000). *The courage to be*. 2. ed. New Haven, USA; London, UK: Yale University Press.
- Turner, C., & Manning, P. (1988). Placing authenticity – On being a tourist: A reply to Pearce and Moscardo. *Australia and New Zealand Journal of Sociology*, 24(1), 136–139. <https://doi.org/10.1177/144078338802400108>
- Turner, V. W. (2013). *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes.
- Valentini, F., & Damásio, B. F. (2016). Variância Média Extraída e Confiabilidade Composta: Indicadores de Precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(2), Abr-Jun, 1-7. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e322225>

- van Bruggen, V., ten Klooster, P., Westerhof, G., Vos, J., de Kleine, E., Bohlmeijer, E., & Glas, G. (2017). The Existential Concerns Questionnaire (ECQ) – Development and initial validation of a new existential anxiety scale in a nonclinical and clinical sample. *Journal of Clinical Psychology*, 73(12), 1–12. <https://doi.org/10.1002/jclp.22474>
- van Bruggen, V., Vos, J., Westerhof, G., Bohlmeijer, E., & Glas, G. (2015). Systematic review of existential anxiety instruments. *Journal of Humanistic Psychology*, 55(2), 173–201. <https://doi.org/10.1177/0022167814542048>
- Walters, G. D. (2001). State-trait anxiety and existential fear: An empirical analysis. *Personality and Individual Differences*, 30(8), 1345–1352. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(00\)00116-1](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(00)00116-1)
- Wang, N. (1999). Rethinking authenticity in tourism experience. *Annals of Tourism Research*, 26(2), 349–370. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(98\)00103-0](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(98)00103-0)
- Wearing, S., Stevenson, D., & Young, T. (2010). *Tourist cultures, identity, place and the traveller*. London; California; New Delhi; Singapore: Sage.
- Weems C. F., & Berman S. L. (2018). Existential Anxiety. In: Levesque, R. J. R (ed.), *Encyclopedia of Adolescence*, Springer, Cham, 1257–1263.
- Weems, C. F., Costa, N. M., Dehon, C., & Berman, S. L. (2004). Paul Tillich’s theory of existential anxiety: A preliminary conceptual and empirical examination. *Anxiety, Stress, & Coping: An International Journal*, 17(4), 383–399. <https://doi.org/10.1080/10615800412331318616>
- White, L., & Frew, E. (Eds.). (2013). *Dark tourism and place identity; Managing and interpreting dark places*. New York: Routledge.
- Wood, A., Linley, P., Maltby, J., Baliouis, M., & Joseph, S. (2008). The authentic personality: a theoretical and empirical conceptualization and the development of the Authenticity Scale. *Journal of Counseling Psychology*, 55(3), 385–399. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.55.3.385>
- Yalom, I. D. (1980). *Existential psychotherapy*. New York: Basic Books.

**Artigo recebido em: 18/06/2021**

**Avaliado em: 18/08/2021**

**Aprovado em: 07/12/2021**

## Apêndice

### Itens adaptados do ECQ

---

- EC\_001\_Ansiedade com a ideia do significado que a vida poderia ter.
  - EC\_002\_Assustado com o tanto de opções oferecidas pela vida.
  - EC\_003\_Preocupação por “não me sentir em casa no mundo”, como se eu não pertencesse a esse mundo.
  - EC\_006\_Preocupação com o significado da vida.
  - EC\_008\_Ansiedade por perder o contato comigo mesmo, meu eu verdadeiro.
  - EC\_009\_Incômodo com a ideia de eu estar, de fato, sozinho nessa vida.
  - EC\_010\_Ansiedade pelo fato de minha vida estar passando.
  - EC\_012\_Preocupação em não viver a vida que eu poderia estar vivendo.
  - EC\_013\_Medo em saber que as pessoas nunca me conhecerão profundamente.
  - EC\_019\_Ansiedade por sentir que existe uma distância entre mim e as outras pessoas.
  - EC\_022\_Receio por não conseguir me conhecer em um nível mais profundo.
  - EC\_004\_Sensação de ameaça pelo simples fato de existir, como se, a qualquer momento, algo terrível fosse acontecer comigo.
  - EC\_005\_Medo por saber que a qualquer momento eu poderia morrer.
  - EC\_014\_Preocupação pelo fato de que, de repente, algo terrível poderia acontecer comigo.
  - EC\_015\_Afastar os pensamentos de que a vida acabará.
  - EC\_017\_Medo de morrer sem ter vivido o melhor da vida.
  - EC\_020\_Ansiedade ou preocupação por perceber o quão vulnerável meu corpo é aos perigos da vida.
  - EC\_021\_Ansiedade ou preocupação por ter que deixar tudo quando chegar o momento de morrer.
-